

JORNAL: de Bahia

CAD: 1º

Assunto: Habitação

DATA: 13.09.93

PAG: 02

47



PREFEITURA
DE SALVADOR

TRABALHANDO PARA VOCÊ

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL



Na falta de um lugar melhor, a saída são as invasões

POVO SOFRE COM FALTA DE TETO

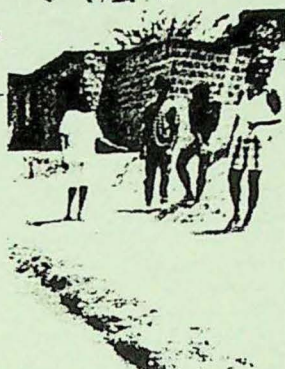
A situação de moradia em Salvador é muito grave. Faltam 240 mil casas para abrigar a população carente. Para discutir sobre este tema terminou ontem o 1º Seminário de Moradia do Instituto de Teologia, no Garcia. O saldo do seminário foram várias propostas, dentre elas, as alternativas populares para habitação, que vão ser encaminhadas aos poderes públicos ainda nesta semana.

Dando continuidade a discussão iniciada na Campanha da Fraternidade 93, cujo tema é moradia, comunidades atingidas pela problemática da falta de habitação junto com as pastorais da Arquidiocese estiveram reunidas no 1º Seminário de Moradia. Conforme declaração de um dos coordenadores gerais, Milton Moura, o ponto mais crítico de toda discussão é o

terreno foreiro. As pessoas têm as casas, mas não têm os terrenos, ou seja, há um dono único da terra, que a subdivide e cria os loteamentos. "E nos loteamentos os problemas continuam. Geralmente são construídos em locais sem nenhuma infra-estrutura e nem distantes do centro", falou Milton Moura.

A problemática da ocupação dos conjuntos habitacionais também foi um ponto muito debatido. Sem alternativas, a população de baixa renda invade os conjuntos e instala-se com toda a família. Na Bahia é preciso 600 mil unidades habitacionais para abrigar quem mora em lugares subumanos. Em todo o país este número dispara para dez milhões de casas. Nas invasões, a situação é também dramática.

Com a invasão da Vila Iolanda



Entre o lar e o esgoto, uma imagem comum das metrópoles

Pires, perto da Cesta do Povo, Ogunjá. Na rua que dá acesso aos primeiros barracos e casas, já dá para ver que os moradores vivem em condições precárias. A falta de uma rede de esgoto é a principal reivindicação, de acordo com o representante da Associação dos Moradores, Antônio Feliciano. Ele disse que as crianças são as que mais sofrem e as doenças não dão trégua. Eles já fizeram vários pedidos para a Embasa, que ainda não foi ao local e vive dando desculpas. Até nas encostas, área de alto risco, as pessoas constroem suas moradias.